

BEIJA-FLOR E EU

Uma história real e fascinante

José Duarte de Sousa

Caro leitor, esse livro não é uma obra de ficção, é realidade. São fatos que realmente ocorreram em minha própria residência.

Não sei onde você está nesse momento, mas com certeza você está tendo o privilégio de conhecer um pouquinho da natureza e de como as coisas acontecem no mundo animal.

Considero-me um dos poucos privilegiados em ser co-adjuvante de uma história como essa.

Inicialmente, eu não tinha a intenção de escrever, eu apenas fotografava o beija-flor porque achava muito bonito e para mostrar aos meus amigos. Mas os fatos foram acontecendo e ganhando uma dimensão enorme. Achei então, que eu tinha obrigação de compartilhá-los com outras pessoas, para que pudessem conhecer como vive, como se comporta, como se alimenta, como se reproduz e, finalmente, como uma beija-flor cuida de seus filhotes e até que ponto é possível um relacionamento com um ser humano.



Beija-flor construindo o ninho no soquete da lâmpada na edícula de minha residência.
Fotografia: José Duarte de Sousa

Um belo dia, entre a resolução de uma equação diferencial e outra, fui surpreendido por um belo acontecimento.

Sempre fui um grande admirador da natureza, gosto muito de animais e plantas. Estou sempre plantando alguma coisa, mesmo que depois tenha que cortá-la por falta de espaço. Isso sempre foi meu passatempo predileto. Na minha casa, além de muitas plantas, tenho também alguns animaizinhos. Com o passar do tempo, passei a entendê-los e sempre tive a sensação de que eles também me entendem. Construímos uma grande amizade onde todos querem ocupar o mesmo espaço, ou seja, todos queriam estar sempre ao meu lado e com isso desenvolveu-se entre eles uma característica dos seres humanos: o ciúme, dando início a uma competição acirrada, cujo objetivo era me agradar. Esses animais aos quais me refiro são: um cãozinho Daschund chamado Oscar, cuja história é bastante curiosa logo logo vocês conhecerão; um gatinho chamado Chanollo e uma galinha, isso mesmo, uma galinha chamada Pintote.

Todos queriam, a todo momento, estar perto de mim. Como animais tão diferentes podem desenvolver tais instintos?

Passaram, inclusive, a compartilhar a mesma comida, galinha comendo ração para cachorro, cachorro comendo milho, isso mesmo, cachorro comendo milho... Gato e cachorro comendo juntos e galinha dividindo a casa do cachorro. O objetivo de toda essa concorrência era ganhar a minha atenção. Certamente eles pensavam “se eu não comer, o outro come e então ele ganha carinho e eu não”.

Parecia perfeito, mas ainda faltava alguma coisa, ou seja, outro animal: um beija-flor. Isso mesmo que você está lendo! Um beija-flor de estimação.

Não se tratava de um pássaro preso na gaiola, como se vê por aí. Mas um beija-flor livre, com toda a liberdade do mundo.

Tudo começou quando descobri alguma coisa pendurada em uma lâmpada da edícula. Parecia sujeira, teia de aranha com folhas secas, sei lá o quê...

Peguei uma vassoura para limpá-la, porém, descobri que não se tratava simplesmente de sujeira, era um pequeno ninho de pássaro. Cheio de “fiapos”, de capim, folhas secas, algodão e teia de aranha. Era muito feio para ficar em minha edícula. Todavia, resolvi deixá-lo lá mesmo, só precisava deixá-lo um pouco mais bonito, retirando algumas coisas que estavam penduradas.

Comecei a observar aquele ninho até então desconhecido. A única coisa que eu sabia é que se tratava de um ninho de um pássaro muito pequeno.

Depois de um longo tempo em pé, logo abaixo daquele ninho, para minha surpresa, acabava de chegar seu dono, ou melhor, sua dona - nosso primeiro encontro.

Ela trazia material para continuar a construção de seu ninho. Depois de colocar mais esses arranjos no ninho ela parou observou tudo, e creio que ela percebeu que seu ninho estava um pouco diferente. Aquelas coisas penduradas que eu havia retirado porque achava feio, à ela talvez fosse essencial. Tanto é que, assim que voltou, trouxe consigo alguns capins secos e os pendurou da mesma forma que estavam aqueles que eu havia retirado.

Naquele momento entendi que o ninho da beija-flor tinha que ser daquele jeito. O ninho era dela e tinha construído da forma como deveria ser, não obstante minha opinião. Veja só que passarinho petulante! Ela partiu novamente. Mas já havia me conquistado. Desde então passei a olhar aquele ninho com outros olhos, outro pensamento, admiração e felicidade. Posso dizer que foi amor à primeira vista.

Parece que eu já gostava daquele ser minúsculo. Comecei a perguntar a mim mesmo: - Por que aqui? Porque em minha edícula? Será que fui o escolhido? Por quê...?

Bem, será que ela sabe que não vou lhe fazer nenhum mal a si e nem a seus filhos? Como ela pode saber disso?

“Ah, chega de perguntas! Vou protegê-la... Não vou mais acender aquela lâmpada. Mas e o Chanollo? O que fazer com ele? Não posso desfazer-me dele, afinal, ele é meu amigo. Mas como poderei abrigar uma presa e um predador em um mesmo ambiente? Não posso vigiá-lo o tempo todo e muito menos abandoná-lo... Afinal ele é um dos três amigos que disputavam minha atenção a unhas e dentes (e bico).”

Continuei ali em pé, pensando; pensei em meu mundo e no mundo de cada um deles: do Chanollo, do Oscar, da Pintote e agora, o mundo da beija-flor.

Como seria seu mundo? Como poderei protegê-la se não posso estar em seu mundo? Não posso voar, não posso estar nos galhos das árvores e não poderia jamais repousar-me em um ninho sobre uma lâmpada, e muito menos prendê-la. Afinal, nem mesmo a conheço, parece que todos os beija-flores são iguais, como saber quem é quem? A menos que ela esteja no seu ninho.

Porém, naquele momento parecia que eu já estava no mundo de um beija-flor, voando ou vagando, sei lá...

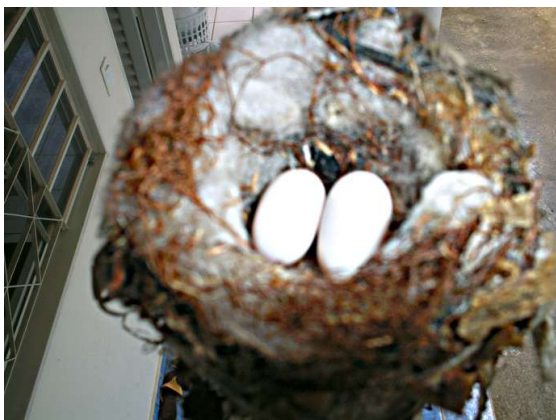
Opal! Eis que chega novamente a beija-flor. Volto a ser eu novamente, continuei a observá-la e outra vez ela trouxe consigo “adornos” para deixar seu abrigo tal qual estava antes.

Foi novamente, uma vez, duas vezes, três vezes... Sei lá quantas vezes mais. Até que o ninho ficou pronto. “É assim que tem que ser o ninho de beija-flor”, parece até que ela queria me dizer isso. Bem, poderia ter dito “os humanos se acham os mais inteligentes”, mas às vezes não são capazes de entenderem a si mesmos. Então como pode entender os outros animais?”

Bem, se eu ainda tinha dúvida, agora não tenho mais nenhuma. Eu amo esse novo ser que acaba de chegar. E me pergunto: Como amar alguém tão pequeno, tão arisco, tão distante e tão diferente dos outros amigos? A Pintote, posso pegá-la

quando quiser, o Chanollo também, o Oscar, idem e uma beija-flor? Como posso dar carinho?

Os dias foram passando, então veio o primeiro ovo e no dia seguinte, o segundo. Isso porque uma beija-flor só põe dois ovinhos. No mesmo dia, ela começou a chocar aqueles minúsculos ovos, algo parecido com um grão de feijão médio.



Eu já não conseguia ficar longe dela, todas as horas queria vê-la, até o momento em que vê-la já não era o bastante. Precisava tocá-la. Mas como isso seria possível? Tinha muito medo de que ela fosse embora e abandonasse o ninho por causa da minha presença.

Aos poucos as equações diferenciais ficavam à parte. A essa altura até os meus três grandes amigos, estavam esquecidos, coitadinhos.

Um dia não consegui resistir, coloquei uma escada logo abaixo do ninho e subi bem devagarinho, ela voou. Fiquei com medo de que ela desaparecesse e, por medo de mim, acabasse por abandonar seus ovinhos. Mas ela voltou, então procurei outras maneiras de aproximar-me dela. Passava embaixo do ninho, conversava, levantava a mão para lá e para cá de vez em quando,

para que ela pudesse confiar em mim e entender que eu não lhe faria mal algum.

Mas será que aquele pequeno ser poderia entender meus gestos de amizade? E que eu não iria lhe fazer nenhum mal, ainda que provavelmente já estivesse lhe fazendo quando perturbava seu sossego?

O tempo passava. A ansiedade aumentava dia após dia. Eu tinha que tocá-la, tinha pelo menos que passar o dedo em suas ‘costinhas’. Eu achava que ela tinha que entender que eu era seu amigo, mas como fazer com que ela entendesse isso?

A essa altura parecia que ela já havia adquirido uma certa dose de confiança em mim. Porém, eu não tinha certeza que ela queria minha aproximação e o meu carinho, da mesma forma que o Chanollo, a Pintote e o Oscar.

Afinal, todos eles são meus amigos, comem a mesma comida, andam por onde ando, vivem comigo no mesmo lugar e temos muito em comum. Porém não tenho penas, não sou tão pequeno, não posso voar e nem alimentar-me somente de néctar. Como posso, eu, um ser tão gigante e monstruoso, ser amigo de um beija-flor indefeso?

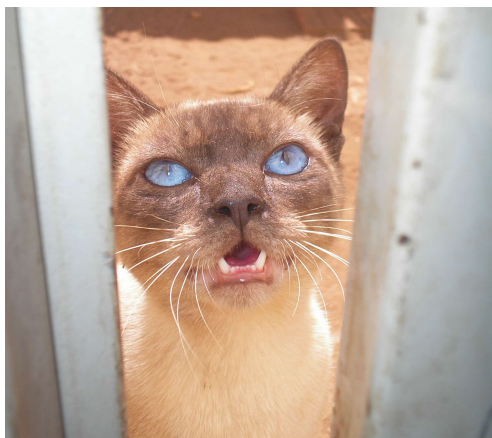
Eu queria entendê-la. Além de acompanhá-la eu pesquisava sobre os modos, o organismo, o habitat e a alimentação de sua espécie.

Fui anotando tudo. Já se passavam 10 dias desde o primeiro encontro. Ela saía com muita frequência para se alimentar. Percebi que um beija-flor necessita de muita energia para voar tão rápido e manter seu organismo funcionando, já que seu coração precisa bater muito rápido (cerca de 480 vezes por minuto quando em repouso, e pode atingir cerca de 1200 vezes quando em movimento). Por isso, precisa se alimentar muitas vezes por dia, mesmo quando está chocando seus ovinhos.

Cada vez que ela saía do ninho eu subia na escada e verificava se os filhotes já haviam nascido.

Agora já se passaram quinze dias. A Beija-Flor acabava de sair e eu novamente subia a escada e desta vez pude ver o primeiro filhote que acabava de nascer. No dia seguinte nascia o outro. Eram minúsculos seres indefesos. Pareciam todos feitos de cartilagem, não parecia que tinham ossos. E eram pouco maiores que um grão de feijão.

Eu senti naquele momento que minha responsabilidade triplicava: tinha que protegê-los, um, dois, três frágeis seres minúsculos. Observava que a essa altura, o Chanollo tornava-se mais perigoso, cada vez mais crescido e adorava caçar, assim como todo gato jovem. Eu temia que alguma coisa pudesse acontecer aos filhotes. Mesmo reconhecendo que não era fácil o Chanollo chegar ao ninho. Ele não voava e tão alto não poderia saltar, mas era uma ameaça.



A partir do nascimento dos filhotes, a nossa amizade tornava-se mais intensa. Comecei a chegar mais perto do ninho e consequentemente da Beija-Flor.

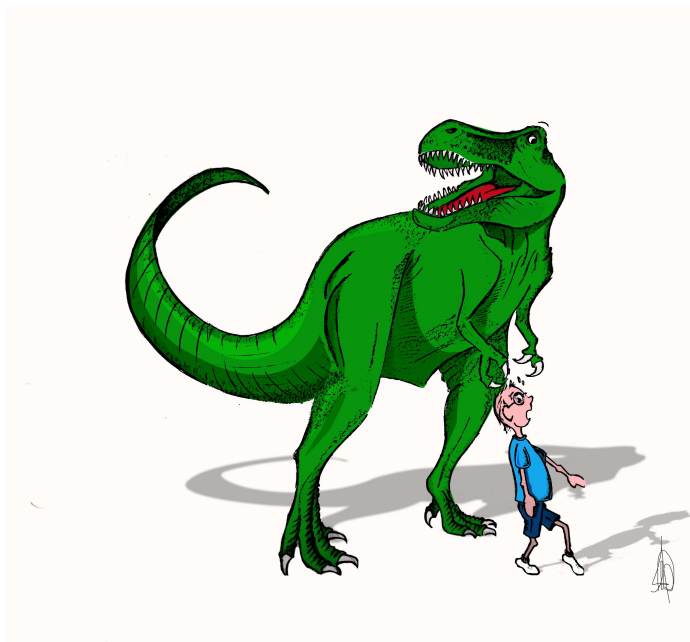
Inicialmente parecia que ela tinha medo e desconfiança, algumas vezes ela deixava o ninho, em outras, eu percebia seu

medo e recuava. A essa altura, ela já era mais fotografada que uma estrela de Hollywood no auge de sua carreira.

Chegou o dia em que consegui tocá-la. Que felicidade! Ela não voou. Esse era só o começo, de uma bela e grande amizade.



Não demorou muito, consegui acariciar as suas “costinhas” e a sua cabecinha; para minha surpresa, percebi que ela estava gostando. Embora talvez ela se sentisse como eu me sentiria se um *Tyrannosaurus rex* estivesse massageando minhas “costas”. Qual seria a sensação?



Eu sabia que eu não iria fazer mal nenhum à Mamãe Beija-Flor. Mas será que eu pensaria o mesmo em relação ao dinossauro?

Comparações à parte. O mais importante nesse momento é que eu já percebia que ela estava gostando do meu carinho. Às vezes quando eu passava por perto, percebia o seu olhar carinhoso em relação a mim. A partir daquele momento, a nossa amizade se consolidava e ela jamais se importava quando eu subia a escada e a acariciava. Muito pelo contrário, parece que ela gostava.

Algumas vezes ela retribuía a mim todo o carinho: pousava em minha mão e acariciava meus dedos com seu bico. Aquilo era tão gratificante... Para mim era algo inacreditável, uma das coisas mais importantes do mundo. Eu nunca imaginava que isso pudesse acontecer.